

ro e Floriano, nos-
sos Pais Fundado-
res (cada povo
tem os Pais Fun-
dadores que me-
rece), dos presi-
dentes paulistas,
dos mineiros, de
todos os varões da
República? Passa-
ram-se pouco
mais de cem anos,
e eis Fernando
Henrique I. Não é

*dãos em boa fé fi-
cam de queixo
tombado se FHC diz
que o MST quer der-
rubar o governo.*

um pesadelo, entendam bem. O
pesadelo vem carregado de um tor-
mento avassalador, abrupto e lan-
cinante, que as coisas do Brasil não
conseguem produzir e tampouco o
próprio FHC. A quem, de resto, é
justo atribuir uma originalidade,
representada pela aptidão de con-
jugar numa pessoa só o soberano, o
mestre e o pai.

FHC ministra diariamente, a bem
do país, uma aula abrangente,
oceânica, no alcance de pensamen-
tos essenciais e definitivos. Ele não
se atém à política e à economia. É
uma lição inesgotável de sabedoria
em todos os quadrantes possíveis,
desde a filosofia pura até preferên-
cias gastronômicas. E agora respon-
dam depressa: Luiz XIV, Frederico
da Prússia, Pedro, o Grande, chega-
riam a tanto? Não foi por acaso que
escolhi três figuras bem distintas e
nem por isso capacitadas a reunir
em si mesmas todas as qualidades
de Fernando Henrique I.

Talvez entre os mirrados leitores
deste artigo haja quem lamente um
certo autoritarismo na entrevista de
FHC à Rádio Guaíba. Pois então ra-
ciocino. Uma coisa é um presidente
da República democraticamente
eleito e outra é um monarca. No
sentido clássico, que fique claro.
Não estamos falando da rainha da
Inglaterra, e sim de um rei anterior à
Revolução Francesa. O que é lógico.
Não será difícil constatar que o Bra-
sil não fez a Revolução Francesa e,
ao que tudo indica, jamais a fará. Até
porque o tempo passou e o bonde
da história não volta mais.

Vamos à questão. A sociedade
afluente do Brasil quis que FHC se
espalhasse. FHC não deixou por
menos. Alguns cidadãos em boa-fé
ficam de queixo tombado se FHC
diz que o MST quer derrubar o go-
verno, ou que não viu "um argu-
mento que dissesse que a venda da
Vale está errada". Eles sabem que o
objetivo do MST é outro, até da bo-
ca dos líderes do movimento. Ouvi-
ram também uma enxurrada de ar-
gumentos contra a venda da Vale, e
alguns dignos de consideração, no
mínimo. Não atingem, porém, o
âmago do problema. O belo tipo fa-

homem brilhe... E
aí vem ele, frio, im-
placável: "Não es-
tôu satisfeito". Na-
quela noite, a tur-
ma não conseguiu
engolir o trivial, to-
dos foram para a
cama mais cedo,
perguntando aos
seus botões: "On-
de, quando, como
e por que errei?"
Para a primeira in-

terrogação — quem? — da célebre
fórmula codificada há 133 anos por
um repórter da Guerra da Secessão,
a resposta é inevitável: eu, eu, eu...
Ingratidão de FHC? Ora, a ingra-
tidão é própria dos mortais comuns.
Na equação de um rei não entra.
Suspeito, para ser franco, que se o
pessoal se entregar a um exame de
consciência, verificará sem maiores
embargos a sua culpa em cartório.
Sempre é possível elevar os decibéis
da badalação do monarca.

Falei acima da Revolução Fran-
cesa. Dela nasceram, ainda que ex-
postas periodicamente a chuvas e
trovoadas, as democracias euro-
péias. E alguns entre nós, ao se refe-
rirem à democracia, cogitam da-
quelas. O que configura, receio,
uma imperdoável ingenuidade.
Quando FHC diz que o MST virou
um movimento político "que atra-
palha o Brasil porque está desres-
peitando a democracia" não alude
certamente a um regime gerado,
mesmo com muito atraso, pela Re-
volução Francesa. O seu modelo é o
dos Estados Unidos, onde os parti-
dos são máquinas sem ideologia,
conduzidas por meia dúzia de pro-
fissionais prontos a defender, a
idéia de que basta a eleição para le-
gitimar o sistema democrático.
Disso nasceu a denúncia de um po-
lítico americano de 150 anos atrás,
um certo John Calhoun, duas vezes
vice-presidente dos Estados Uni-
dos, o qual clamava contra uma
"ditadura da maioria", Calhoun
antecipou situações que estão
acontecendo agora.

Fernando Henrique I parece
basear as suas atitudes e falas
majestáticas na convicção de que
o apoio eleitoral recebido em
1994 é perene e perenemente lhe
confere poderes extraordinários.
Talvez esteja exagerando. Claro
que um goela faz de tudo para
não perder posição. Para não pôr
um risco a reeleição, ele não hesi-
tará, por exemplo, em sacrificar
cortesãos fidelíssimos, até da
equipe econômica. No mais, du-
vido que o próprio Tancredo, que
tinha ótimo faro, imaginasse dias
iguais aos de hoje.

FHC

* 4 MAI 1997

CORREIO BRAZILIENSE

* 4 MAI 1997

MINO CARTA

Rei, mestre e pai

*Inovações de Fernando Henrique em
relação à figura clássica do monarca*

O maior goela da política nacio-
nal. Com estas palavras, nem uma a
mais, nem uma a menos, Tancredo
Neves definiu Fernando Henrique
Cardoso nos bastidores de sua
campanha à Presidência da Repú-
blica, nos últimos meses de 1984.
Na época, FHC era um suplente de
senador promovido a titular pela
ascensão de André Franco Monto-
ro, de quem fora reserva, ao gover-
no de São Paulo, em 1982. Tancre-
do era candidato da Aliança Demo-
crática no pleito indireto marcado
para janeiro de 1985, do qual sairia
vencedor contra Paulo Maluf. Tan-
credo e FHC tinham sido correli-
gionários no MDB e no PMDB e na-
quele momento estavam militando
novamente debaixo da mesma
bandeira, depois de um período
em que o ex-governador de Minas
havia presidido o PP — Partido Po-
pular, mas Tancredo não tinha
uma opinião muito lisonjeira em
relação a esse companheiro de via-
gem.

Goela, no sentido figurado, tanto
pode qualificar pessoa gananciosa,
quanto aquele que conta vanta-
gem. Quem ouviu a definição de
Tancredo não tem dúvidas de que
ele escalava FHC na primeira cate-
goria, embora às vezes o nosso
atual presidente cultive o perigoso
prazer de contar vantagem. Tan-
credo tomou seus cuidados e tudo
que ofereceu a FHC foi um posto
praticamente inventado, o de líder
do governo no Senado. Deixou que
da mesa caísse uma migalha, e olhe
lá. Naturalmente, o goela a degus-
tou com o fervor da carola da missa
das sete. De todo modo, como vão
longe aqueles tempos modestos...

E no outro dia me perguntei: será
que está sendo restabelecido o re-
gime monárquico? Acabava de ler
uma entrevista de
Fernando Henri-
que à Rádio Guaí-
ba, de Porto Ale-
gre, e senti ali a
presença do rei.
De que adiantou
esforço de Deodo-

ceiro que fala para a Rádio Guaíba
não é mais o presidente democrati-
camente eleito, é o rei que a socie-
dade afluente do Brasil pediu ao Se-
nhor. Ele não precisa ser justo nas
suas declarações. Equilibrado. De
certa forma equidistante. Olímpico.
Ele afirma — e ponto. Ele não
frequenta a verdade sacrossanta?
Tudo bem, o rei pode.

O rei pode dizer o que quiser, dar
peteleco em quem entender. No
Congresso, nos funcionários públi-
cos, na oposição, na imprensa. To-
mado pela curiosidade jornalística,
eu gostaria, aliás, de dar uma circula-
da pelas redações do *Estado*, da
Veja, da *Exame*, da *Globo*, e outros
rincões da mídia em que nos últi-
mos anos tudo se fez para favorecer
o goela. Meu Deus (FHC tem invo-
cado o Criador com frequência e
me permito imitá-lo), meu Deus,
que punhalada FHC vibrou nas
costas da imprensa. Atirou todo
mundo no mesmo balaio, confun-
dindo a regra com a exceção, rala e
clamorosa, das maçãs podres. Juró,
fiquei triste, não por mim, bichado
pelo espírito crítico e portanto irre-
cuperável, mas pelos colegas, tão
solícitos no serviço prestado ao
presidente mais amado da história
do Brasil, e pelos seus patrões, tão
fascinados diante vertiginosas
perspectivas da Banda B. Digo,
aquele milagroso terreno de negó-
cios avaliados em mais de 70 bi-
lhões de dólares, os negócios das
comunicações administrados pelo
ministro Sérgio Motta.

Sobre esta imprensa que toca
harpa e violinos aos pés do trono
sem dar por enquanto sensíveis si-
nais de fadigas, Fernando Henrique
I passou como um trator. Tênto fi-
gurar o espanto dos profissionais e
seus donos quando ouviram, ou le-
ram, FHC, cortan-
te como a cimitar-
ra do Saladino: "Não, não estou sa-
tisfeito com a
imprensa". E a ti-
grada que faz o
diabo para que o

A

alguns cida-